



## ENCONTRO #17

# MARIA, MÃE DE JESUS

## 1. INTRODUÇÃO

Jesus nasceu numa sociedade onde a mulher era vista como propriedade do homem, inicialmente do pai, depois do marido e, se viúva, dos filhos ou da família. Naquela sociedade patriarcal, a autonomia feminina era impensável. A mulher era considerada ritualmente impura durante a menstruação e após o parto, o que limitava sua participação religiosa e social. Esta impureza também a excluía do sacerdócio e de áreas sagradas do templo. Além disso, as mulheres eram mantidas em casa para serem protegidas dos ataques sexuais de outros homens, e era esperado que preservassem a honra da família.

Casar significava uma transição de autoridade, do pai para o marido, sem consulta da própria mulher. Ela dedicava sua vida a servir o marido, inclusive sexualmente, e a criar filhos varões. Dentro da família, apesar das limitações, muitas mulheres tinham grande influência, sendo respeitadas como mães e responsáveis pelo ambiente familiar e religioso.

Fora do lar, a mulher tinha pouca ou nenhuma participação na vida pública. Não podia sair desacompanhada nem falar com homens em público. Os seus direitos eram restritos comparados aos dos homens; a sua voz não era válida em tribunais e seu testemunho em muitas situações não tinha o mesmo peso. As mulheres que se aventuravam fora destas normas eram vistas como desonrosas.

Na esfera religiosa, controlada por homens, a mulher tinha papel secundário, exceto em celebrações domésticas onde acendia velas e fazia orações. Era separada dos homens nos locais de culto, como o templo, onde só podia aceder às áreas designadas. A circuncisão, que marcava a aliança com Deus, era exclusivamente masculina, reforçando a desigualdade. As mulheres, embora sujeitas às leis, não eram vistas como participantes ativos da vida religiosa. Não tinham obrigação de recitar a Shemá, nem de peregrinar a Jerusalém nas grandes festas.

Os rabinos instruíam que ensinar a Torá a uma filha era tão ruim quanto levá-la à libertinagem, preferindo queimar as palavras sagradas a confiá-las a uma mulher.

Essa discriminação fez das mulheres um setor marginalizado da sociedade judaica. No entanto, a mensagem do reino de Deus anunciada por Jesus questionava se este era realmente o desejo divino para a humanidade e o que significava o amor compassivo de Deus para com as mulheres.

## 2. A MÃE DE JESUS. A ANUNCIAÇÃO



A tradição da Igreja passou muitas vezes de um excesso a outro no concerne a Maria, ora atribuindo-lhe uma importância superior à que tem na Bíblia, ora ignorando-a completamente. Embora no Novo Testamento haja muito pouco acerca de Maria,

aquilo que há revela uma mulher de grande fé e humildade. Desde o mistério do nascimento de Jesus até ao da sua morte, lemos que Maria se entregou aos desígnios de Deus.

No século I, as pessoas sabiam tão bem como nós como nascem as crianças. É por isso que, quando o arcanjo Gabriel apareceu a Maria para lhe dizer que iria conceber e dar à luz o Filho de Deus (um encontro conhecido como «Anunciação»), ela lhe respondeu com a compreensível pergunta: «Como será isso, se eu não conheço homem?» (Lc 1,34). E José decidiu anular, seriamente, o casamento (Mt 1,18-19).

Em ambos os casos, lemos que foram precisas revelações divinas para os convencer do impossível. Para José, foi necessário um sonho em que lhe era dito que o menino de Maria tinha sido verdadeiramente concebido pelo Espírito Santo e não por um homem (Mt 1, 20-21); e para Maria foi necessário um sinal: também a parente Isabel, que era estéril, esperava um filho.

### 3. O NASCIMENTO VIRGINAL

Muitos consideram o «nascimento virginal» impossível ou um simples artifício literário para indicar que Jesus era «especial», mas ele é importante para compreender quem é Jesus e por que veio à Terra.

Os cristãos acreditam que através do nascimento virginal, Deus quisesse oferecer um novo início à humanidade. Jesus era um ser humano novo, criado pelo Espírito de Deus no seio de Maria, o que significava que não tinha herdado o pecado de Adão e Eva como todos os outros. A Bíblia diz que é esta ausência de pecado que permitiu a Jesus morrer por nós, pagando o preço não dos seus pecados (não os tinha), mas os do género humano. Se se nega o seu nascimento de uma virgem, nega-se o poder da sua morte.

A igreja primitiva via o nascimento virginal como o cumprimento da profecia de Isaías, 700 anos antes: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho; e hão-de chamá-lo Emanuel» (Is 7,14; Mt 1,23).

## 4. O MAGNIFICAT

Depois da visita do anjo, Maria deslocou-se a casa de Isabel e descobriu que, efetivamente, ela estava grávida. Então, elevou a Deus um hino de louvor (Lc 1,46-55). O seu cântico, semelhante ao de Ana em circunstâncias análogas (1Sm 2,1-10), é chamado Magnificat, a sua primeira palavra em Latim.

A minha alma glorifica ao Senhor

[em Latim: Magnificat anima mea Dominum]

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:

de hoje em diante me chamarão bem-aventurada

todas as gerações

O Todo-poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço

e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens

e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,

lembrado da sua misericórdia,

como tinha prometido a nossos pais,

a Abraão e à sua descendência para sempre.

## 5. REFERÊNCIAS A MARIA NO NOVO TESTAMENTO

- Surpreendentemente, são poucas as referências a Maria após as narrações do nascimento de Jesus. As que existem sublinham a sua grande humanidade.
- Ansiedade por ter perdido Jesus, durante a visita a Jerusalém para a Páscoa (Lc 2,41-51).

- Exortação a Jesus para este intervir, aquando da falta de vinho num casamento, provocando a sua amável censura pelo facto de Maria não se dar conta de que Ele só podia atuar mediante solicitação do seu Pai celeste, não da mãe terrena (Jo 2,1-11).
- Preocupação com Jesus, quando pensa que Ele se esforça demasiado (Mc 3,20-21).
- Presença na crucifixão, quando é confiada aos cuidados de João, o que leva a supor que José já tivesse morrido (Jo 19,25-27).
- Oração com os discípulos, na «sala de cima», após a subida de Jesus ao Céu (Act 1,14).

## 6. IDEIAS POSTERIORES SOBRE MARIA

Muitas tradições eclesiásticas, posteriores, relativas a Maria não encontram correspondência no Novo Testamento. Eis algumas delas:

- A Imaculada Conceição: como Jesus, ela foi concebida e viveu sem pecado.
- A virgindade perpétua: permaneceu virgem para toda a vida.
- A assunção: foi elevada ao Céu, em corpo e alma, depois da sua morte.
- A intercessão dos santos: reza a Deus por nós.

## 7. MARIA E O PAPEL DA MULHER NA IGREJA

Durante o voo de regresso a Roma vindo do Rio de Janeiro (2013), depois da Jornada Mundial da Juventude, o jornalista francês Jean-Marie Guénois perguntou diretamente ao Papa Francisco:

«O senhor disse que a Igreja, sem a mulher, perde fecundidade. Que medidas concretas tomará?

A resposta do Papa tem uma dimensão mariana que não poderia faltar no mosaico de cores e formas da alma mariana de Francisco:

«Uma Igreja sem as mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria.

O papel das mulheres na Igreja não é só a maternidade, a mãe de família, é mais forte: é precisamente o ícone da Virgem Maria, de Nossa Senhora; aquela que ajuda a Igreja a crescer.

Mas pensem que Nossa Senhora é mais importante que os Apóstolos! É mais importante! A Igreja é feminina: é Igreja, é esposa, é mãe. Mas, na Igreja, a mulher não deve apenas... - não sei como dizer em italiano - o papel da mulher na Igreja não deve circunscrever-se a ser mãe, trabalhadora... limitá-la não! É outra coisa!».